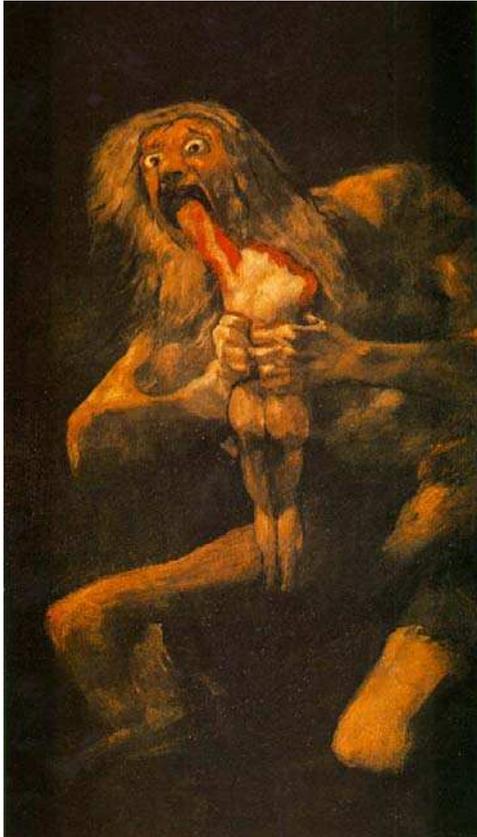


## HISTORIADORES: OS FILHOS QUE CRONOS NÃO DEVOROU (razão histórica e mediações educativas)<sup>1</sup>

Alexandre Antônio Gilí Náder<sup>2</sup>  
Rosa Maria Godoy Silveira<sup>3</sup>  
Uyguaciara Velôso Castelo Branco<sup>4</sup>



Francisco José de Goya e Lucientes,  
*Saturno devorando seu filho*, 1820-1823;  
óleo sobre tela, 146 x 83 cm;  
Museo del Prado, Madrid, Espanha<sup>5</sup>.

“É preciso estar sempre embriagado. Aí está: eis a questão. Para não sentirem o fardo horrível do Tempo, que verga e inclina para a terra, é preciso que se embriaguem sem descanso. Com quê? Com vinho, poesia ou virtude, a escolher. Mas embriaguem-se. E se, porventura, nos degraus de um palácio, sobre a relva verde de um fosso, na solidão morna do quarto, a embriaguez diminuir ou desaparecer quando você acordar, pergunte ao vento, à vaga, à estrela, ao pássaro, ao relógio, a tudo que flui, a tudo que geme, a tudo que gira, a tudo que canta, a tudo que fala, pergunte que horas são; e o vento, a vaga, a estrela, o pássaro, o relógio responderão: ‘É hora de embriagar-se! Para não serem os escravos martirizados do Tempo, embriaguem-se; embriaguem-se sem descanso! Com vinho, poesia ou virtude, a escolher’.”

(Baudelaire, 1995, p. 12)

### I. A mitologia grega e as alegorias do tempo

O texto apresentado surge como uma necessária reflexão no sentido de configurar a relação entre tempo e a razão histórica, tendo a educação como mediadora dessa relação, através

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História da Educação no Contexto da Cultura Histórica”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Habilitações Pedagógicas do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba.

<sup>3</sup> Docente da Universidade Estadual da Paraíba e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba.

<sup>4</sup> Docente do Departamento de Fundamentação da Educação do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba.

<sup>5</sup> Imagem disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Goya-Saturnus.png>>. Acesso em: 21 mai. 2006.

de uma permanente atualização da temporalidade. A educação é aqui concebida como produção e socialização do conhecimento produzido.

Para iniciar esse complexo percurso, enveredaremos pelas imagens arquetípicas da mitologia greco-romana, como metáforas significativas para pensar os processos humanos de construção do conhecimento e as mediações educativas contemporâneas, através dos mitos de *Cronos*, *Mnemosine*, *Clio* e *Prometeu*. O recurso à mitologia apoia-se em Eliade (2002, p. 8), quando afirma que “[...] o mito é – ou foi, até recentemente – ‘vivo’ no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência”. Esse recurso simbólico tenta traduzir a relação entre a razão histórica e a temporalidade, uma vez que se trata dos mitos fundadores do mundo, ou da História do homem no mundo: ou seja, a relação entre *Tempo*, *Memória*, *História* e *Trabalho*. O mito é, nesse sentido, “[...] a narrativa de uma ‘criação’: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*” (ELIADE, 2002, p. 11).

Sinteticamente, passaremos à narrativa mitológica anteriormente anunciada, baseados em Grimal (1992) e Sullivan (1992).

**Cronos** era filho de Urano (o Céu) e de Gaia ou Géia (a Terra) e o comandante dos Titãs. Cronos representa a passagem dos deuses antigos (Ciclopes e Titãs) para os deuses Olímpicos (ou habitantes do monte Olimpo), liderados, posteriormente, por seu filho Zeus. Cada vez que Gaia tinha um filho<sup>6</sup>, Urano o devolvia ao seu ventre. Cansada disto, Gaia tramou com seu filho Cronos, fazendo de seu próprio seio uma pedra em forma de lâmina, dando-a para Cronos, que esperou Urano dormir e o castrou, atirando sua genitália ao mar, de onde brotou Afrodite, a deusa do amor. A mutilação de Urano representa, simbolicamente, a separação entre o Céu e a Terra. Ocupando o lugar de seu pai, Cronos casou-se com sua irmã<sup>7</sup> Rhéa (Grande Mãe dos Deuses), tornando-se o primeiro rei e tendo seis filhos: Héstia, Hera, Hades, Deméter, Poseidon e Zeus. Mesmo sendo o Senhor do Universo, Cronos temia que seus filhos viessem futuramente a destroná-lo, como o fizera com o pai; por isso, devorava-os ao nascerem. Desse ritual voraz, somente escapou Zeus, graças aos planos engendrados por Rhéa, que substituiu a criança por uma grande pedra envolta em lençóis. Escapando da morte e crescendo, Zeus (Júpiter, na mitologia romana) forçou o pai a vomitar a pedra e aos seus irmãos, e o destronou. Cronos, reduzido à condição de simples mortal, expulso da Ilha de Creta, foi exilar-se nas montanhas do Lácio (Itália), sendo acolhido por seu povo e pelo rei Jano com generosa hospitalidade. Como reconhecimento, Cronos ensinou-lhes as **leis**, as **artes** e a **linguagem**, sendo gratificado com a **prudência**.

---

<sup>6</sup> Os filhos de Urano e Gaia são os Titãs e as Titanides: Céos, Créos, Cronos, Febe, Hipérion, Jápeto, Mnemosyne, Oceano, Rhéa, Téia, Tétis e Têmis.

Como Cronos simbolizava o tempo, ao derrotá-lo, Zeus tornou os deuses imortais, recuperando, simbolicamente, a união entre o Céu e a Terra.

**Mnemosyne**, uma das Titâdines, irmã de Cronos, é a personificação da Memória. O poço de Mnemosyne fazia os mortos, que dele bebiam, lembrarem suas vidas, o oposto do poço de Lethe, que os fazia esquecerem. É a mãe das nove Musas<sup>8</sup>, de sua união com Zeus. As nove musas representavam as divindades de todas as artes (música, canto, poesia) e as ciências – simbolizando que a memória é a metade de toda criatividade. As musas cantavam o presente, o passado e o futuro, acompanhadas pela lira de Apolo (o Deus da profecia, da cura, da beleza e da ordem), para deleite das divindades do panteão. Dentre elas, destacamos **Clio** (A Proclamadora, “a quem [ou a que?] confere fama”), musa da História e da criatividade, cujo nome representa festividades, celebração, cantos e glórias dos guerreiros e o renome de um povo. Sua imagem costumava ser representada por uma jovem com uma coroa de louros, trazendo, à mão direita, a **trombeta**, para proclamar os altos feitos e, na mão esquerda, um **livro** intitulado Thucydide, ou um **rolo de pergaminho**, talvez referenciando a ligação da história com os escritos e documentos. Seus símbolos são o **clarim heróico** e a **clepsidra** (um dos primeiros instrumentos para medir o tempo): “Aos seus atributos acrescentam-se ainda o globo terrestre sobre o qual ela descansa, e o tempo que se vê ao seu lado, para mostrar que a história alcança todos os lugares e todas as épocas” (AS NOVE musas, 30 abr. 2006). As musas representam, portanto, as artes e a ciência, daí as interpenetrações, na História, entre o conhecimento, o tempo, a arte, a beleza, a estética.

**Prometeu**, símbolo da humanidade, constitui um dos mitos gregos mais presentes na cultura ocidental. Filho de Jápeto e Clímene (Têmis), também irmãos, pertencia à estirpe dos Titãs, descendentes de Urano e Gaia e inimigos dos deuses olímpicos. Prometeu roubou o fogo escondido no Olimpo para entregá-lo aos homens: fez um homem do limo da terra e roubou uma fagulha do fogo divino, com o objetivo de dar-lhe vida. Para castigá-lo, Zeus enviou-lhe a bonita Pandora, portadora de uma caixa que, ao ser aberta, espalharia todos os males sobre a Terra. Como Prometeu resistiu aos encantos da mensageira, Zeus o acorrentou a um penhasco, onde uma águia devorava diariamente seu fígado, que se reconstituía. Lendas posteriores narram como Hércules matou a águia e libertou Prometeu. Os mitos da linhagem de Cronos fornecem importantes elementos simbólicos a serem explorados para pensar algumas qualidades do tempo, relacionando-o ao poder. A castração de Urano representa a ruptura com a intuição e a criatividade (a ligação com o Céu), com a possibilidade de antever o futuro (a prospecção). No ritual de engolir seus

---

<sup>7</sup> O casamento entre irmãos era comum na mitologia grega, e vários Titãs e Titanides se uniram, dando origem a uma segunda geração de Titãs.

<sup>8</sup> As nove musas são: Calliope, Clio, Erato, Euterpe, Melpomene, Polyhymnia, Terspsícore, Thalia e Urania.

filhos, Cronos busca preservar o poder, sua origem, perpetuando-se. Porém, Cronos foi incapaz de controlar totalmente as possibilidades do futuro ou a delimitação dos condicionantes temporais (SULIVAN, 1992), representadas por **Zeus**, que dá aos seus descendentes o dom da imortalidade, sucedendo o Tempo e assumindo o poder e a ordem. O casamento de Zeus com **Mnemosyne**, a união entre o poder e a memória, também, é revestido de simbologia: a Memória, irmã do Tempo, adquire a imortalidade de Zeus e tem como uma de suas filhas a musa **Clio** (História), que simboliza a união entre a arte e o conhecimento, mediada pela relação entre passado, presente e futuro. **Prometeu**, filho de outra irmã de Cronos, representa a rebeldia contra a injustiça e a onipotência divina, encarnação da liberdade humana, que o leva a enfrentar o poder para dar vida aos homens. Etimologicamente, Prometeu significa “**o que é previdente**”, mas também, a coragem de alguém que, para beneficiar a Humanidade, enfrenta o suplício e a tentação sem limites, numa alusão à grande luta das conquistas civilizadoras e da propagação de seus benefícios à custa de sacrifício e sofrimento: é a imagem simbólica do trabalho e da transformação da natureza.

Outro elemento importante para reflexão é relacionado ao exílio de Cronos, quando o rei Jano aproveita as lições do Tempo e a sua experiência, adquirindo sabedoria para governar seu povo com leis tidas como sábias. Com a punição do exílio, Cronos (o **Tempo**) conquista a **prudência**, por isso, geralmente, é representado como um ancião, curvado ao peso dos anos, tendo a mão erguida com uma foice, numa alegoria de que o tempo ceifa todos os seres. Apresenta-se, também, alado, para indicar a sua marcha rápida, numa contradição à figura do ancião e ao peso da idade, que pode simbolizar o tempo longo, lento e/ou a passagem do tempo, ou a sua permanência. O Tempo, então, comportaria as transitoriedades e as permanências. Em suas representações, alguns artistas colocam na mão de Cronos uma ampulheta, instrumento utilizado pelos antigos como relógio, para a medida do tempo, além de uma serpente, disposta em círculo, simbolizando a eternidade, o tempo que não tem começo nem fim.

A relação entre História, Tempo, Memória e Trabalho é, portanto, bastante significativa. A razão histórica não prescinde de sua relação com o tempo, muito pelo contrário. A razão é, em si mesma, histórica, ou seja, a razão caminha através do tempo, manifestando seus avanços ou retrocessos, suas permanências ou mudanças em cada época. Sua história é feita de rupturas e descontinuidades; ela não é eterna, mas sujeita à temporalidade, uma vez que a memória é, ao mesmo tempo, possibilidade dadas aos mortais para lembrarem suas vidas e reproduzi-las – ela é irmã do tempo, mas expressa a criação humana através das artes e das ciências, que são suas manifestações. A história da razão é, portanto, descontínua. A razão é um mito criado pela cultura ocidental, mas também um meio precioso de que dispomos para criar, julgar e avaliar conhecimentos, para dar sentido às

estruturas, às conjunturas e aos acontecimentos, transformando a nossa vida, individual e coletivamente. Esse é o sentido do Trabalho para o homem: uma construção humana. As crises, as dificuldades e os impasses da razão mostram, assim, que ela é contrária ao dogmatismo; ela é, por excelência, **reflexiva** e **crítica**, ela pressupõe liberdade de pensamento e criatividade.

## II. Tempo e Conhecimento: uma relação simultaneamente clássica e moderna

Uma vez caracterizados, de forma singularmente direcionada, como feito acima, os mitos selecionados no universo da mitologia grega, acreditamos estar em condições de estabelecer a premissa fundamental – ou, pelo menos, uma delas – norteadora dessas reflexões.

Cronos quer devorar seus filhos, a sua sucessão, o seu futuro, mas é obrigado a vomitá-los de si. Os seus filhos são, portanto, os filhos que ele não consegue devorar, os filhos que continuam a História, a vida, o futuro. Este é o simbolismo dos filhos de Cronos que ele não devora.

Na voraz e contraditória relação de Cronos – amor e ódio, tirania e dependência – com seus filhos/historiadores, conforme a proposta por nós apresentada nesse texto, configura-se, ao nosso ver, como motivo – e, ao mesmo tempo, decorrência – desse feito<sup>9</sup>, uma relação, quase que de equivalência, central, na perspectiva daquilo que buscamos delimitar como sendo o que define o ofício do historiador – sujeito histórico portador da atribuição social de produzir, interpretar e socializar a cultura histórica de seu tempo, na diversidade de suas vertentes. Trata-se da imbricação, indissociável, entre **tempo e conhecimento**, histórico, antes de tudo. Ao nosso ver, é impossível pensar (n)um deles sem colocar o outro, concomitantemente, na arena onde se processam as reflexões. Afinal de contas, não há conhecimento sem o sentido da duração e, *pour cause*, não há temporalidade que possa prescindir da idéia de conhecimento (NÁDER, 2004). Não há conhecimento sobre a temporalidade sem a própria temporalidade. E, gostaríamos, aqui, de chamar atenção para o seguinte fato: se foi a Modernidade – ao humanizar, secularizar e estabelecer a provisoriabilidade do conhecimento, quando o localiza na esfera da intervenção (dos homens, sobre o contexto sócio-espáço-temporal no qual se situam) e não mais na da contemplação (da perfeição da obra divina, de natureza extática e como dádiva concedida por ente transcendente), como era usual no Período Medieval – que tornou evidente o vínculo aqui destacado, a possibilidade de resgatá-lo, a partir das narrativas míticas ancestrais, deixa inequívoco o **caráter clássico, persistente, dessa relação**. Assim, na percepção aqui

proposta, é possível interpretar até mesmo o cerne do embate entre as idéias de Parmênides e as de Heráclito<sup>10</sup> como sendo o primeiro registro, do qual se tem notícia, de divergências sobre a forma correta de delimitar essa mencionada relação.

Desse modo, a relação anteriormente anunciada, de Cronos com seus filhos historiadores é, sobretudo, norteadada por seu instinto de auto-preservação, em que pese sua natureza violenta e conflituosa, bem como o é, também, sua transformação em mentor, para os reis, da prudência e da sabedoria, a partir da ascensão de Zeus ao poder, para instaurar a nova ordem. Tal relação expressa, ainda mais, tratamento distinto ao por ele adotado, enquanto pode, no que tange à sua prole divina. Isso posto, julgamos caber a nós historiadores, portanto, a incessante busca de preservar, indefinidamente, se possível, pela efetividade de nossa atuação, a “bonomia” a nós direcionada. No entanto, com o propósito de nos precavermos contra um otimismo exagerado sobre nossas possibilidades de sucesso, vale lembrar que elas não impedem que nosso fado guarde uma significativa proximidade com aquele imputado a Prometeu: mantido vivo e aprisionado para ser morto, até o final dos tempos, um pouco a cada dia, pelo intolerável crime, para os Deuses, de propiciar a apropriação do conhecimento pelo gênero humano.

Nossas chances de êxito nessa empreitada encontram-se fortemente articuladas ao grau de refinamento que sejamos capazes de introduzir naquilo que chamaremos aqui, com o peso de questão amplamente abrangente, de **a historicidade do conhecimento**. Para tanto, como propõe Veyne (1995), devemos ser êmulos de Percival na formulação das boas perguntas. Mas, também, superar a dicotomia por ele estabelecida entre o físico e o historiador, entre Édipo e Percival, e construir, a partir delas, as boas respostas. Apesar de tudo, a boa pergunta traz, em si, ainda que fortemente, a boa resposta apenas como possibilidade e não como certeza.<sup>11</sup>

Na percepção das variadas nuances dessa historicidade, para o caso do conhecimento e da cultura históricos, focos centrais de nosso olhar, apenas a título de uma primeira abordagem ilustrativa – afinal de contas, o matizamento e aprofundamento sobre os aspectos que serão mencionados a seguir, e sobre outros, a respeito dos quais esta passagem inicial não trará

---

<sup>9</sup> Para uma reflexão mais abrangente e aprofundada sobre a circularidade das relações entre causa e efeito, conferir Morin (1999).

<sup>10</sup> Para Parmênides, só era possível conhecer o imóvel, imutável, uma vez que o movimento/mudança corromperia o objeto estudado, o que acarretaria a perda de validade do conhecimento estabelecido. Na visão de Heráclito, não: era possível incorporar ao próprio conhecimento as peculiaridades dinâmicas do ente sob estudo, produzindo-se, assim, um conhecimento dotado de alguma durabilidade frente às transformações, mesmo que finita. Essa possibilidade contraria frontalmente o projeto cognitivo de Parmênides, que buscava um conhecimento permanente, eterno.

<sup>11</sup> O contraponto – que, a nosso ver, deve ser superado pela articulação dialética e de complementaridade, em todos os campos do saber – entre a formulação da pergunta adequada (construção consistente do problema) e a apresentação de uma resposta correta (construção compatível com a empiria da solução) é apresentado por Veyne (1995, p. 77) como vinculado, em termos do peso hierárquico de cada um dos dois pólos, às singularidades das várias áreas do conhecimento. O autor, ao introduzi-lo, usa o recurso imagético da confrontação entre o mito de Percival, para ele o arquétipo do historiador (a boa pergunta: “A quem serve o Graal?”), e o de Édipo, símbolo, em sua percepção, do físico (a boa resposta: “O homem”, ao ser interrogado pela Esfinge). Gostaríamos, ainda, de registrar, aqui, a inestimável contribuição de Élio Flores e Joana Neves para estas reflexões.

maiores detalhamentos, são justamente as ações propostas para se desenvolverem ao longo da vigência da linha de pesquisa aqui proposta –, consideramos necessário, ainda que, talvez, insuficiente, destacar alguns pontos-chave desse itinerário.

Em primeiro lugar, uma menção à própria historicidade da cultura histórica. Ela, em si, já é portadora de uma dinâmica, na qual se identificam permanências e mudanças (lineares ou não, com características de rupturas e/ou descontinuidades etc.), ao longo do processo histórico. Isso pode – e deve, por nós, historiadores – ser verificado, tanto no plano de sua globalidade, como em termos da diversidade de formas pela qual ela se expressa. Desse modo, as historicidades específicas de cada uma dessas formas, bem como as relações estabelecidas entre elas, na pluralidade de suas configurações, conformam-se, certamente, como focos de trabalho do historiador.

Nessa mesma perspectiva, além do já indicado acima, relacionar o entorno social – situado espaço-temporalmente e pensado, à Braudel (1992), como contexto histórico diacrônico, multitemporal – de construção de cada forma particular da cultura histórica e os aspectos integrantes da dinâmica de evolução dessas formas também se incluem no campo de nossa ação investigativa. Esse esforço deve ser desenvolvido no sentido de que se possa verificar a existência de identidades – e, portanto, hibridismos ou possíveis padrões generalizáveis – e distinções singularizadoras entre elas.

Ainda mais, dentre os modos pelos quais se expressa a cultura histórica na sua totalidade, gostaríamos, aqui, de destacar um deles, por sua singularidade: a ciência histórica. Tal singularidade, manifesta pela adoção de um caráter sistemático – em termos de fundamentação (estamos falando, aqui, especificamente, das dimensões epistemológica e teórica) – e metódico, faz com que a História-ciência seja verdadeiramente peculiar ao ser confrontada com os demais modos. E, nesse ato de confrontação, um vetor fortemente relevante encontra-se na relação com a experiência. Ao nosso ver, ainda que, nas possíveis escolhas de fundamentação, a gama de possibilidades para lidar com a experiência seja múltipla e, muitas vezes, ingrediente da permanente polêmica existente entre historiadores sobre os variados componentes epistemológicos, teóricos e metodológicos, em nenhuma delas o trato poderá ser confundido com aquele presente, por exemplo, na dimensão histórica da cultura popular, do senso comum. Isso posto, uma vez feita, enfrentando a polêmica já referenciada, a opção de fundamentação e método, consideramos, também, ser tarefa nossa, dos historiadores, a produção do cotejo anteriormente referido.

Por fim, numa perspectiva ao mesmo tempo tributária e superadora daquela de Azevedo (1996) em seu *A Cultura Brasileira*, julgamos indispensável concluir essas considerações apresentando, com algum nível de detalhamento, algumas reflexões a respeito dos processos contemporâneos de transmissão/apropriação da cultura histórica. Ou seja, o restante deste trabalho tem como propósito debruçar-se mais detidamente sobre as

mediações pedagógicas interpostas, nos dias atuais, à produção, à socialização e, também, a um determinado tipo de processo de transformação da cultura histórica (das culturas históricas, talvez), até então vigente: aquele que se realiza no âmbito das práticas sociais educativas, formais ou não-formais. Cumpre ressaltar que a valorização dessas práticas, ao longo da Modernidade, alçou-as a um novo e mais elevado patamar epistemológico, o que ainda pode ser observado, mesmo com nuances diferenciadoras, na contemporaneidade, vista por nós como síntese – atual, integrante, problemática e problematizadora – da mencionada Modernidade.

Antes de prosseguir, no entanto, um alerta se faz necessário: a utilização da expressão “mediações pedagógicas” é uma escolha e não casual. Nela, assume-se o pressuposto de que o ato educativo, no campo da História, toma por fundamentos aqueles mesmos adotados na construção do conhecimento histórico. A diferença, portanto, para nós, entre a socialização e produção, localiza-se no âmbito das modalidades de atuação do historiador/profissional da História e não no espaço das dimensões fundamentais da epistemologia, teoria e metodologia. Ou seja, **o que distingue essas modalidades são as mediações adotadas em cada uma delas e não o recorte de campo do saber, esse – sim – prioritariamente forjador da identidade do profissional.**

### **III. Mediações Educativas: a socialização da(s) e na(s) temporalidade(s)**

Mitologia, uma palavra formada por *mythos* – grego homérico designando um “discurso ritualístico de um chefe, um poeta ou um sacerdote”; e *logos* – grego clássico designando “uma história convincente, um argumento em ordem”, confronta duas ordens de narrativas que se interpenetram: aquela estilizada, recitada em festivais, lugares sagrados e banquetes e uma narrativa organizada, conferindo sentido à primeira.

Essa junção etimológica relaciona a mitologia à História, que se constitui na narrativa, visando organizar a dispersão dos acontecimentos humanos e lhe conferir sentido. Sentido aqui entendido como significado e não como direção, sobretudo única da História, pois, é inegável, o significado direciona. A História constitui esse caso singular em que a mesma palavra designa o objeto do estudo e o campo de conhecimento que estuda esse objeto, o que não acontece com as demais áreas do conhecimento.

A produção de conhecimentos sobre as temporalidades, como dito acima, difere da transmissão/socialização desse mesmo conhecimento não por seus fundamentos epistemológicos, teóricos e metodológicos, mas pelas modalidades de atuação do historiador/profissional de História, denominadas de mediações. Em ambas as atividades – produção e socialização, estas **mediações são distintas, porém ambas são educativas.**

A mediação do historiador, na construção do conhecimento histórico, se faz com ele próprio historiador em relação dialógica com os vestígios das trajetórias dos seres humanos na História, registrados nos mais diversos tipos de documentos (escritos, visuais, áudios, audiovisuais, multilingüísticos etc.). Assim como tais documentos contêm signos do tempo que neles está inscrito, o historiador porta signos do seu próprio tempo. Aparentemente, o historiador estaria em posição sobranceira em relação aos seus documentos/vestígios, podendo construir a versão que bem quisesse, pois os sujeitos daqueles vestígios ou neles contidos não poderiam mais reclamar – salvo quando se trata da história do presente – do uso que deles se faz, não fossem os procedimentos metodológicos do campo do conhecimento histórico, que impõem limites a uma radical liberdade na construção historiográfica e não fosse, ainda, o fato de que a sua versão é controlada por outras versões. A mediação, nesta prática social de produção do conhecimento, se faz educativa na medida em que a narrativa resultante deste processo carrega a intencionalidade de seu autor ao realizá-la: sua concepção de vida, seus valores, sua expressão da temporalidade histórica que estudou, sistematizou, organizou, que passa a constituir uma nova memória social. Mesmo que ele próprio não efetue, diretamente, a transmissão de sua obra, em espaços intencionalmente transmissivos, ela é passível de apropriação, portanto, de transmissão.

A mediação do historiador na transmissão conhecimento histórico, ou seja, de sua socialização, se distingue da sua mediação na produção daquele conhecimento, de um lado, porque a transmissão tem uma intencionalidade de reverberar as temporalidades reconstruídas em espaços, formais e não-formais, que têm esta finalidade, especialmente a Escola; de outro, porque se concretiza relacionalmente entre o transmissor e agentes vivos, no presente histórico, sejam estes especialistas ou não das temporalidades. A depender do modo como se processa esta socialização, esta poderá ou não, a partir da indispensável reprodução do conhecimento, erigir para os educandos uma qualidade no sentido de converter-se em produção – re-produção – de novo conhecimento.

Em todas as situações – produção, reprodução e re-produção – há complicadores. Se, na relação entre historiadores e agentes históricos de outro tempo presente, dificultando a compreensão daquele *outro presente*, também no presente histórico atual, as linguagens entre os agentes historiadores e os agentes *fazedores da História* deste presente não é menos difícil, apesar da aparência em contrário por se tratarem de agentes contemporâneos: a linguagem continua sendo um elemento de acesso e, ao mesmo tempo, de barreira à compreensividade comunicativa, que não deriva apenas da diferença temporal entre passado-presente, mas de diferenças temporais situadas em um mesmo tempo cronológico, o que não quer dizer, necessariamente, na mesma temporalidade social.

A produção e socialização do conhecimento sobre a(s) temporalidade(s), assim como sobre outros objetos, se realiza, pois, no ato comunicativo. Ao buscarem transmitir as suas narrativas, os historiadores buscam, em última instância, comunicar. Buscam apresentar um mundo aos seus contemporâneos e aos seus pósteros (RICOEUR, s.d). Buscam **educar, mediando a socialização da(s) e na(s) temporalidade(s)**.

Assim, a menos que seja um diletante, que faça do Conhecimento Histórico um bem apenas para a própria fruição individual, ser historiador é ser, também, educador, o que não dispensa gostar do que se faz. Pois dele se espera – e é parte do seu ofício – a instrução, o cultivo (fertilização) e a capacitação das mentes humanas para o exercício da temporalidade, assegurando o direito aos passado (SILVEIRA, 2003, p. 6).

Lembrando Vygotsky (1987;1988), a capacidade operatória do ser humano sobre o mundo é constituída de instrumentos (cultura material) e de representações mentais (cultura simbólica) que este ser humano cria e internaliza, a partir deste mundo que lhe é externo, mais especificamente, do grupo cultural em que se insere e que lhe possibilita formas de perceber e organizar o real/mundo. Portanto, é na sua experiência e nas relações sociais interpessoais que o sujeito dispõe de um ambiente estruturado de signos (informações, conceitos, significados), com que constrói, de forma ativa, o seu “código” de leitura, decifração e interpretação do mundo, em seus objetos, fenômenos e acontecimentos. Assim compreendida a relação mediadora, e retomando a nossa mediação específica como historiadores, cabe problematizar: o que significa **mediar a socialização da(s) e na(s) temporalidade(s)**?

**Significa, em síntese, promover a Cultura Histórica.**

**Contudo, a Cultura Histórica é mais abrangente do que a Cultura Histórica construída e socializada pelos historiadores, que é parte daquela e se especifica, por suas características, como Historiografia.**

**Esta distinção equivale à distinção entre *saberes históricos* e *conhecimento histórico*.** *Saberes históricos* todos temos, na medida em que a Cultura, em sentido abrangente<sup>12</sup>, é memória social, mediando a relação do Homem com a Natureza e do Homem com o Homem no tempo, transmitindo os tempos passados para os tempos futuros. Nesses termos, a Cultura Histórica, como produção e socialização da(s) e na(s) temporalidade(s), pode ocorrer em vários *lugares produtores e socializadores*: família, círculo de vizinhança, escola, grupos de convivência, instituições culturais (arquivos/museus/centros de pesquisa e documentação), movimentos sociais, organizações governamentais e não-governamentais, meios de comunicação (rádio, televisão, cinema, jornais, internet etc.). Isto significa que

<sup>12</sup> Na contemporaneidade, o termo Cultura tem sido delimitado para um sentido mais relacionado à cultura imaterial e à semiótica, a dimensão simbólica da linguagem, como pode ser visto nas obras de Pierre Bourdieu e Edgard Morin. A propósito, conferir Gomes (2005, p. 13).

muitos agentes históricos se apropriam do(s) tempo(s), enquanto experiência(s) vivida(s), para transmiti-lo(s). Usualmente, tais agentes realizam suas transmissões a partir, é claro, de seus *lugares sociais*, do seu espaço de vida cotidiana, imediata, portanto, utilizando uma linguagem do cotidiano, do senso comum, que, como nos diz Santos (1989, p. 40), representa uma percepção horizontal da vivência. Este tempo – o cotidiano – nos engole na sofreguidão de sua sucessividade, da sua efemeridade representacional. O Jornal Nacional e congêneres de hoje são esquecidos pelo Jornal Nacional e congêneres no dia seguinte.

Já o *Conhecimento Histórico* é uma Cultura Histórica especializada, com um profissional adrede preparado, qualificado, para a produção e a socialização da(s) e na(s) temporalidade(s) – o historiador. Esta qualificação implica, para o “profissional do tempo social” (uma vez que o profissional do tempo climático, por exemplo, é o meteorologista), o domínio de teorias sobre o próprio tempo, compreendendo o tempo em suas temporalidades específicas, em suas variações de concepções; de metodologias para abordar os tempos históricos: “referenciais (conceptualização, operações lógicas, categorias fundamentais de inteligibilidade), procedimentos (métodos) e fontes (registros das experiências); de formas de construção das narrativas” (SILVEIRA, 2004, p. 9) e, ainda, entendimento dos receptores das mesmas como também produtores de narrativas, especializados e, na maior parte, não-especializado(a)s. Estes aspectos teórico-metodológicos fazem a diferença no sentido de que os agentes historiadores lidam com a espessura do tempo, a verticalidade de sua duração. Igualmente partindo do presente, como outros agentes da transmissão da temporalidade, o historiador deles se distingue porque não fica na horizontalidade do tempo e empreende uma viagem a seu passado. Mesmo quando o historiador trata da história do tempo presente, ele se distinguirá se abordar o acontecimento de hoje em sua profundidade relacional com o tempo de ontem (NÁDER, 2004).

Cada espaço educativo socializador da Cultura Histórica requisita mediações educativas apropriadas a suas peculiaridades. Inclusive, na contemporaneidade, tais espaços têm se multiplicado com a explosão dos movimentos sociais identitários, que desenvolvem processos educativos alternativos e críticos em relação ao sistema formal de ensino no que tange, entre outros aspectos, à memória social, que, de forma sistemática, tem primado pelas exclusões sociomnemônicas.

No entanto, a Cultura Histórica especializada – a Historiografia – tem, ainda, na Escola (instituição precípua e formalmente educacional) o lugar mais adequado para sua construção, socialização e re-construção. A Escola é lócus dos conhecimentos organizados. Geralmente, é nela que se ensina (ou se deveria ensinar) não só os conhecimentos já disponíveis mas os procedimentos de como aprender, de como construir os conhecimentos, sistematizá-los a partir da herança cultural e transformá-los pela ação dos agentes educandos, reconstruindo-os.

O problema é que a Escola – muitas vezes, aí compreendidas até mesmo Universidades, das quais se espera serem o lócus, por excelência, da *produção* de conhecimentos – não tem preenchido a contento tais funções. Assim, no que tange à História, o currículo escolar expressa uma seleção e ordenação intencionais dos eventos disponíveis na Cultura Histórica-Historiográfica sob uma determinada concepção de tempo, que, segundo uma interessante análise de Garcia (s.d., p.1), é personificada por Cronos. No paradigma de Cronos, os acontecimentos são estruturados em blocos de tempo

(...) e sua prática articula poder. O currículo vincula o tempo a objetivos, conteúdos, métodos, recursos e avaliação. O planejamento do dia escolar é minucioso, o mesmo ocorrendo com a rotina semanal e o ano escolar. Calcula-se o tempo a ser dedicado a cada aula e assunto, e estipula-se o momento quando o aproveitamento do tempo investido será avaliado. Em síntese, o currículo tem sido informado por um *pensamento cronológico*, que não deixa escapar um instante sequer sem ser planejado (GARCIA, s.d., p. 1-2).

Explicitando um pouco mais esta afirmação, a estruturação cronológica dos acontecimentos históricos nos parece ser relacionada, metaforicamente, ao mito do Cronos devorador dos filhos, querendo perpetuar-se, permanecer, e tentando impedir o futuro, a mudança no tempo. De Cronos antes de perder o seu poder para seus filhos, liderados por Zeus. O currículo cronológico é a concepção de uma linearidade temporal, homogênea, evolutiva e ascendentemente progressiva-progressista.

O mesmo autor propõe, criativamente, uma outra figura da mitologia grega para incorporar uma outra dimensão à temporalidade curricular teórica e prática: Kairós ( )<sup>13</sup>, um atleta “que não se expressa por uma imagem uniforme, estática, mas por uma idéia de movimento. Metaforicamente, ele descreve uma noção peculiar de tempo, uma qualidade complementar em relação à noção de temporalidade representada por Cronos” (GARCIA, s.d., p. 2). O mesmo nome – *kairós* – significa *momento certo para a coisa certa, ocasião oportuna, momento crítico para agir*. Desse modo, não representa genericamente o tempo como Cronos, nem o passado nem o presente, mas o *melhor instante no presente* e, nesse sentido, “a dimensão de experiência temporal representada por Kairós instala-se em consonância à totalidade dos elementos individuais envolvidos e à dinâmica de suas relações” (GARCIA, s.d., p.2). É o tempo em coincidem a ação humana e o tempo, que propicia a boa ação.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> A Teologia utiliza esta expressão para referir-se à forma qualitativa do tempo, enquanto a Retórica a usa no sentido de *momento a ser aproveitado para se fazer um bom discurso*. Em outras palavras, trata-se da ocasião oportuna para a fala, um contexto comunicativo em suas contingências de espaço, tempo e cultura, que afetam as escolhas dos falantes e autores, levando em consideração a audiência (o que é mais significativo) e o decoro (o princípio de uma fala apta ou em conformidade com o assunto). A concepção aristotélica da oratória aponta três espécies de ocasiões, associando cada uma a um determinado tempo: ao passado, a descrição; ao presente, o encômio ou louvor; ao futuro, o vitupério ou afronta. Disponível em: <<http://rhetoric.byu.edu/Encompassing%20Terms/kairos.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2006.

<sup>14</sup> «Le kairós, écrit-il, est un don, et le don est un kairós; l'intervention du dieu dans le sort des mortels en modifie la temporalité, et l'on comprend dès lors que l'un des sens de *kairós* ait désigné le moment fugace où tout se décide, où la durée prend un cours favorable à nos vœux. (...) L'irruption soudaine du *kairós*, c'est-à-dire d'un temps visité par le dieu, se marque en

Tomando por base essa noção, o autor propõe a sua incorporação, *como totalidade de um instante imprevisível*, ao contexto pedagógico,

(...) uma *janela de oportunidade* que subitamente se percebe aberta em um dado contexto. Perceber e explorar um momento oportuno requer uma atitude atenta e criativa, o estar presente e a habilidade para inserir a ação pedagógica. Ao responder às sutis necessidades do momento, recorrendo ao sentido de oportunidade informado por Kairós, a ação pedagógica ultrapassa os limites representados por Cronos (GARCIA, s.d., p. 3).

Kairós, assim interpretada (a noção), se afigura como a oportunidade de criatividade contra o aprisionamento curricular cronológico pré-estabelecido, o que se denomina de *reflexão-na-ação* ou *aprendizagem-em-situação*, em que o professor-mediador percebe o momento oportuno de alargar o significado dos conhecimentos para além da repetição, respondendo às experiências e significação do tempo dos seus educandos mediante a sua fala. Cronos não seria descartado, mas não devoraria os seus filhos, neste caso, os educandos, pela instauração de um *novos*, o presente histórico, na temporalidade cronológica dada.

Estas considerações apontam aos historiadores a necessária atenção para alguns problemas de pesquisa relativos ao seu ofício, mais particularmente, sobre as mediações educativas nos processos de socialização da(s) e na(s) temporalidade(s). Entre eles:

- a compreensão dos vários espaços de mediação em que se socializa a Cultura Histórica, em sentido abrangente e específico, bem como das especificidades de que se reveste, em cada um desses espaços, a ação mediadora;
- a exemplo de Cronos e Kairós, que não se excluem<sup>15</sup>, as possibilidades de incorporação de outras dimensões da temporalidade histórica nos processos

---

général chez Pindare, par l'apparition de la lumière. (...) Lorsque l'orage a bien enténébré la terre, soudain le vent faiblit, la pluie s'arrête, la nue s'entrouve - et c'est l'embellie, une clairière de lumière soudain, dans un lieu de désolation. L'homme a senti le passage du dieu, et tel est le *kairós*. (...) Le *kairós* est une seconde d'éternité. » (DHERBEY, 1999). Em tradução livre de nossa parte: "O *kairós* é um dom, escreve, é um dom, e o dom é um kairós; a intervenção do deus na sorte dos mortais modifica a temporalidade e compreende-se (...) que um dos sentidos de *kairós* tenha designado o momento fugaz onde tudo se decide, onde a duração toma um curso favorável a nossas promessas. (...) A irrupção súbita do *kairós*, quer dizer, de um tempo visitado pelo deus, é remarcada em Píndaro pela aparição da luz. (...) Quando a tormenta envolveu a terra em trevas, súbito o vento faltou, a chuva se detém, a nuvem se entreabre – e é a melhoria, uma claridade de luz repentina, em um lugar de desolação. O homem sentiu a passagem do deus, e tal é *kairós*. (...) O *kairós* é um segundo de eternidade." Segundo Jackie Pigeaud, Louis Guillermit, lecteur de Platon. « C'est aussi du temps, mais qui est hors de la durée; c'est l'instant fugitif mais essentiel, soumis au hasard mais lié à l'absolu. Ainsi, considérer la sensation comme le *kairós* est une vue très profondément grecque, parce que le *kairós* renvoie au cours du monde, au hasard, au déroulement imprévisible des choses, mais aussi à un savoir antérieur. Le *kairós* n'est rien sans le savoir qui permet de le reconnaître ; il n'est qu'événement parmi d'autres pour celui qui ne sait pas. Mais, pour celui qui sait, il est ce qui lui révèle son propre savoir, par le choc de la réalité qui se révèle comme signifiante. » Em tradução livre: "É também do tempo, mas que é fora da duração; é o instante fugitivo mas essencial, submetido ao acaso mas conectado ao absoluto. Desse modo, considerar a sensação como o *kairós* é uma perspectiva profundamente grega, pois o *kairós* reenvia ao curso do mundo, ao acaso, ao denrolar imprevisível das coisas, mas também a um saber anterior. O *kairós* não é nada sem o saber que permite reconhecê-lo; não é senão acontecimento entre outros para aquele que não sabe. Ms, para aquele que sabe, ele é aquele que lhe revela o seu próprio saber, pelo choque da realidade que se revela como significativa.

<sup>15</sup> Embora polêmico, no terreno da Cultura Histórica Historiográfica, é necessário enfrentar o fato de que a dimensão cronológica é amplamente difundida na sociedade, a socialização de temporalidade predominante, a concepção de tempo construída pela modernidade, o tempo do relógio. Assim, não se pode ignorá-la, mas se deve trabalhar nos processos educativos para ultrapassá-la, por outras representações do tempo, mais condizentes seja com o estado atual do debate historiográfico sobre o tempo seja com o próprio processo histórico contemporâneo, que tem apontado a complexidade das temporalizações por contraste à simplificação moderna, cuja formalização representacional pela sucessividade dos eventos, carrega, no entanto, uma ênfase nas permanências.

educativos, disponíveis no repertório da Cultura Histórica já sistematizada. A esse respeito, convém lembrar que estas várias dimensões circulam no imaginário social e não é porque algumas se explicitaram depois de outras que as anteriores devem ser, pura e simplesmente, descartadas. Uma atitude de sempre primaziar o *novo* enquanto aquilo que vem depois, significa reiterar uma concepção meramente cronológica e progressista enquanto a mediação dialética e dialógica da cultura que produz as temporalidades (GOMES, 2005, p.15) é denotativa da luta simbólica inscrita nas sociedades pela apropriação da memória social;

- os conteúdos de *razão histórica* inscritos nos processos mediadores de socialização da Cultura Histórica, partindo-se do pressuposto de que a Razão – ela própria – é dotada de historicidade.

Trata-se, pois, de uma proposta de trabalho. Prometéica, ambiciosa, retomando o mito, que simboliza a vontade e a audácia humanas por conhecimento, mediante a captura do fogo e o seu compartilhamento com os humanos, a quem os deuses olímpicos buscavam interditar-lo. O fogo permite ao humano a sobrevivência. Esta alegoria aponta o alcance da luz da alma ou inteligência. Prometeu significa “aquele que pensa antes” ou “que prevê”, aquele que é prudente, pensa antes de agir, buscando domar o futuro, diferentemente de Cronos, que buscou sustá-lo.

Em interpretação filosófica, Ribeiro (2002) perscruta novas possibilidades para o mito:

Prometeu poderia ser patrono da pesquisa científica: ele fornece ao homem o primeiro grande equipamento tecnológico - o fogo -, enxerga longe, e sofre por isso, tendo todo dia o fígado perfurado por um abutre, até que Hércules finalmente o liberta dessa punição. Temos aqui tudo o que compõe o difícil *ethos* científico: primeiro, a inovação; segundo, a ambição de ser como Deus (ambição que está na agenda da ciência moderna desde seus primórdios); terceiro, a aplicação prática, tecnológica, do conhecimento; e, finalmente, a dor, a culpa de romper a fronteira entre o humano e o divino, entre a ignorância e o conhecimento, entre a submissão e o poder.

Em interpretação poética – *Prometheus* (1774) – o grande poeta romântico alemão Goethe exprime a mesma exaltação da obra, do sofrimento e da tenacidade humanas; tenacidade também pictoricamente representada por Friedrich Heinrich Füger (1817)<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> Vide nota sobre Goethe e Füger nas Referências Bibliográficas. A imagem “Prometeu traz o fogo aos homens” encontra-se disponível em: <<http://www.liechtensteinmuseum.at/en/pages/1415.asp>>. Acesso em: 19 jun. 2006.



Friedrich Heinrich Füger,  
*Prometeu traz o fogo aos homens*, c. 1817;  
 óleo sobre tela, 221 x 156 cm;  
 Liechtenstein Museum, Liechtenstein.

Encobre o teu Céu ó Zeus  
 com nebuloso véu e,  
 semelhante ao jovem que gosta  
 de recolher cardos  
 retira-te para os altos do carvalho ereto  
 Mas deixa que eu desfrute a Terra,  
 que é minha, tanto quanto esta cabana  
 que habito e que não é obra tua  
 e também minha lareira que,  
 quando arde, sua labareda me doura.  
 Tu me invejas!  
 (...)  
 Eu honrar a ti? Porque?  
 Livras-te a carga do abatido?  
 Enxugaste por acaso a lágrima do triste?  
 (...)  
 Por acaso imaginaste, num delírio,  
 que eu iria odiar a vida e retirar-me para o ermo  
 por alguns dos meus sonhos se haverem  
 frustrado?  
 Pois não: aqui me tens  
 e homens farei segundo minha própria imagem:  
 homens que logo serão meus iguais  
 que irão padecer e chorar, gozar e sofrer  
 e, mesmo que forem parias,  
 não se renderão a ti como eu fiz.

### **Conclusão: Por que filhos de Cronos que Cronos não devorou?**

Antecedente ao de Cronos, o mito de Urano e Gaia é uma referência à separação entre o Céu e a Terra, quando esta se mancomunava com Cronos, o Tempo, que destrona o seu pai Urano e assume o poder e se torna rei dos deuses. A castração de Urano é interpretada como o *estancamento da intuição e da criatividade, capazes de antever o futuro*. O Tempo teria perdido a capacidade de pré-visão.

Cronos, por sua vez, apesar de pretender eliminar seus filhos, ou seja, sua sucessão, devorando-os para se eternizar, não o conseguiu. Os seus filhos, isto é, a sua sucessão, o futuro, foram (foi) vomitado(s). O tempo não conseguiu deter o tempo. O futuro – Zeus – supera o presente – Cronos, passado de Zeus.

O mito de Cronos remonta a uma divindade *primordial*, que, temendo acontecer-lhe o mesmo destino do pai Urano, busca preservar-se, devorando os filhos. Trata-se de uma alegoria ao tempo, que tudo devora, consome o que cria; e ao futuro, representado por Zeus. Cronos não consegue o seu intento: Zeus o destrona, assume o seu poder, como rei dos deuses e dos homens, e recompõe a relação com o Céu na medida em que se torna a

si e aos seus irmãos, vomitados de Cronos, deuses imortais, perenes, mas sujeitos ao tempo, na medida em que se antropomorfizam e dirigem os destinos humanos e divinos ao sabor das paixões.

Quanto a Cronos, ao perder o poder que pretendia eterno, é reduzido a um mortal, adquire prudência e sabedoria. Esta segunda alegoria está a dizer que o rei aproveitou as lições do tempo e a experiência, para governar seu povo, com leis sábias. Simbolizando o tempo, Cronos é representado de forma polissêmica: o tempo que devora, que se auto-devora, mas que permanece, se eterniza.

Algumas interpretações do mito, como já dito na primeira parte do texto, atribuem a Cronos a simbolização do olhar crítico de quem avalia possibilidades e limites, a percepção ou delimitação das circunstâncias temporais. **Limitação e delimitação: estreita correlação com a noção de tempo.** O Tempo-Cronos perde sua eternidade e sua imortalidade, mas, no infortúnio do exílio, adquire sabedoria e prudência, se limita e delimita, ao mesmo tempo em que se conserva imortal por seu futuro, isto é, sua descendência, os imortais deuses olímpicos. O tempo é superado, continuamente, por seu próprio movimento, mas permanece. Os filhos do Tempo governam os destinos dos homens.

Zeus, convém lembrar, de sua união com a Titanide Têmis, que encarna a ordem divina, as leis e os costumes, é pai das Horas – responsáveis por vigiar as obras dos homens – e das Moiras Cloto (a fiandeira que puxa o fio da vida), Láquesis (aquela que enrola o fio da vida e sorteia o nome dos que vão morrer) e Átropos (aquela que corta o fio da vida), que, portanto, tinham a capacidade de conceder aos homens a vida, o tempo e a morte, isto é, o destino, o seu quinhão de atribuições e sofrimentos, sem que mesmo o todo-poderoso Zeus pudesse interferir.

Do filho do tempo – Zeus – e da justiça (Têmis), que também temeu a sua superação, nasce, da cabeça de Zeus, a deusa da vitória, sabedoria, inteligência, das artes e ofícios, do combate e da vida política – Atena. Do filho do Tempo e da Memória – o mesmo Zeus, nasce Clio e suas irmãs – as Musas – que inspiram as ciências e as artes e aliviam os sofrimentos dos homens, inebriando os seus espíritos. Clio, meia-irmã da sabedoria/Atena, inspira os historiadores, inebriados pelo Tempo, cantando os grandes feitos da Humanidade. As outras meia-irmãs de Clio inspiram as artes: a música, o canto, o drama, a tragédia, a comédia etc. A História, pois, se aparenta com o poder e a justiça (seus pais) e se irmana com a sabedoria e inteligência, as ciências e artes e o destino.

Cronos, se não consegue o seu intento de deter o Tempo, a si próprio, fecunda (a despeito de si) uma prolífica descendência que o exprime de diversas formas, nas qualidades que o Tempo assume. A deglutição do Tempo, a sua voracidade, é detida pela Memória, que lhe traz prudência e sabedoria, através do conhecimento. A deglutição do Tempo é estancada pela Memória contra o esquecimento.

Os historiadores são os guardiães do Tempo. Do Tempo em sua auto-superação. Da auto-superação do Tempo, pela Memória. Da Memória do Tempo, inscrita nas ciências e nas artes. Da sabedoria do Tempo. Do Tempo como uma tessitura, fiada e envolta em desígnios que, continuamente, são desfiados e refiados.

Os historiadores: Cronos não os devorou, não devorou seus filhos. Meio deuses, meio humanos, como os deuses olímpicos – ou um pouco deuses e muito humanos – ao se constituírem como seres temporais que conversam com os “mortos”, “atravessam” o Tempo: afinal, o que dizem e escrevem, as histórias dos homens, é o que eterniza o Tempo como uma dimensão, embora mutável, imanente à Humanidade. E, ao fazê-lo, os historiadores trazem – ou, ao menos, pretendem trazer – a prudência e a sabedoria pela experiência vivida. Não a História como direção já dada da vida, mas, como já percebera Bloch (1965): a construção de referenciais para a ação no seu próprio tempo mediante a sua interpretação/significação.

Nisto, somos prometeicos. Também desafiando o poder dos deuses, Prometeu instaura o conhecimento, livra os homens da ignorância, mediante a luz do fogo, permite-lhes construir os elementos de sua sobrevivência material e reprodução como espécie através do trabalho: a moradia, a alimentação, as armas. Simbolicamente, o conhecimento histórico, através da memória social com toda a bagagem que ela carrega de concepções, idéias, conceitos, procedimentos para conhecer, possibilita à Humanidade os elementos de sua sobrevivência no plano das relações intersubjetivas e com a Natureza. Simbolicamente, o conhecimento traz a luz mas morde o fígado, por nossa ambição de divindade e os efeitos contraditórios que o conhecimento produz.

A Cultura Histórica – a cultura sobre as temporalidades, sobre o tempo em seu movimento, ela própria suscetível ao tempo – vincula-se, pois, à primordialidade da existência humana e de seus mistérios. Os historiadores, esses filhos alegóricos de Cronos, buscam reconstruir as trajetórias humanas em busca de sentidos/significados de suas vidas, as respostas que o tempo em seu movimento foi erigindo para as problemáticas dessas vidas, a compreensão do próprio tempo dos historiadores – o seu presente histórico – e os sinais, neste inscritos, do tempo por vir, o desconhecido.

De Cultura Histórica, todos nos alimentamos e dela não podemos prescindir. Dela, todos somos portadores. É ela que nos *situa*, nos *localiza*, nos *identifica*, material e simbolicamente, e de onde nos movemos, nos fazemos e refazemos historicamente.

A diferença entre os historiadores e as demais pessoas é que os historiadores, na Oficina de Clio, aprendem a manejar os instrumentos – teorias, métodos, técnicas – para abordar o tempo histórico, reconstruí-lo e socializá-lo. Os historiadores são, portanto, os comunicadores do tempo social, com o tempo, no tempo, como sua correia de transmissão,

que o transversaliza. O tempo, mesmo querendo engolir o seu futuro, não o consegue: a vida continua, o futuro se torna presente e gesta outros futuros, enquanto se torna passado. Cronos permanece e é superado, é e não é mais, foi e será. No movimento entre o ser e não-ser e o ser novamente (ser de novo, ser o *novo* que não é apenas novo), o *presente histórico* do *é agora*, mediando o tempo como experiência vivida e como horizonte de expectativas (RICOEUR, 1994; 1995; 1997) é operado pelo historiador.

Socializado em e socializador de Cronos, conhecendo os movimentos e delimitações do tempo, inclusive as próprias, oxalá o historiador amplie as fronteiras da temporalidade e se socialize em e socialize *kairós*, pelo aprofundamento atualizado de sua compreensão sobre a significação pessoal e, sobretudo, societária, do seu trabalho. Este texto a isto se propõe.

## Referências Bibliográficas

AS NOVE musas. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Musas>>. Acesso em: 30 abr. 2006.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ; Brasília: UnB, 1996.

BAUDELAIRE, Charles. Embriagai-vos. In: BAUDELAIRE, Charles. **O spleen de Paris**: pequenos poemas em prosa. Apresentação e tradução de MOTTA, Leda Tenório da. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Originalmente publicado em Le Figaro, 7 fev. 1864).

BLOCH, Marc. **Introdução à história**. Lisboa: Europa, América, 1965. (Col. Saber).

BRAUDEL, Fernand. Posições da História em 1950. In: BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 17-38.

CHAUÍ, Marilena. A razão na Filosofia contemporânea. In: CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000. (Unidade 2, A Razão, Capítulo 5).

DERBHEY, Gilbert Romeyer. **La parole archaïque**. Paris: PUF, 1999, p. 11-12. Disponível em: <<http://www.agora.qc.ca/mot.nsf/Dossiers/Kairos>>. Acesso em: 22 jun. 2006.

GARCIA, Joe. **Cronos e Kairós**: Repensando a Temporalidade do Currículo. Disponível em: <[http://www.educacaoonline.pro.br/cronos\\_e\\_kairos.asp?f\\_id\\_artigo=117](http://www.educacaoonline.pro.br/cronos_e_kairos.asp?f_id_artigo=117)>. Acesso em: 19 jun. 2006.

GOMES, Marcelo Bolsahaw. A cultura como dupla mediação social. **Contrapontos**, Itajaí (SC), v. 5, n. 1, p. 109-124, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrnet.br/~mbolshaw/TEXTOS/2%20cultura.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2006. (A paginação por nós utilizada se refere à edição eletrônica).

GRIMAL, Pierre. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.

INFORMAÇÕES sobre mitologia. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tit%C3%A3\\_%28mitologia%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tit%C3%A3_%28mitologia%29)>. Acesso em: 28 fev. 2006.

INFORMAÇÕES sobre mitologia grega. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Mitologia\\_grega](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mitologia_grega)>. Acesso em: 28 fev. 2006.

KAIRÓS. Disponível em: <<http://rhetoric.byu.edu/Encompassing%20Terms/kairos.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2006.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NÁDER, Alexandre A. G. **Tempo e conhecimento: dialética da duração e fundamentos da narrativa para uma História recente/presente (1968-2002) da Educação Superior Brasileira.** Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: mimeo, 2004.

PIGEAUD, Jackie. Louis Guillermit, lecteur de Platon. Disponível em: <<http://www.agora.qc.ca/mot.nsf/Dossiers/Kairos>>. Acesso em: 19 jun. 2006.

PROMETEU. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Prometeu\\_%28mitologia%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Prometeu_%28mitologia%29)>. Acesso em: 19 jun. 2006.

PROMETEU. Imagem de Prometeu traz o fogo aos homens. Disponível em: <[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5b/Heinrich\\_fueger\\_1817\\_prometheus\\_brings\\_fire\\_to\\_mankind.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5b/Heinrich_fueger_1817_prometheus_brings_fire_to_mankind.jpg)>. Acesso em: 19 jun. 2006.

RIBEIRO, Renato Janine. **Prometeu versus Narciso: a ética e a clonagem.** **Revista de Pesquisa Fapesp**, n. 73, Suplemento Especial, mar. 2002. Disponível em: <<http://www.renatojanine.pro.br/Ciencia/prometeu.html>>. Acesso em: 19 jun. 2006.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica.** Trad. M. F. Sá Correia. Porto: RÉS, s/d.

\_\_\_\_\_. **Tempo e narrativa.** Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994. (Tomo 1).

\_\_\_\_\_. **Tempo e narrativa.** Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995. (Tomo 2).

\_\_\_\_\_. **Tempo e narrativa.** Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997. (Tomo 3).

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna.** Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **História e ensino: acontecimento e narrativa, acontecimentos e narrativas.** Conferência apresentada no XXII Simpósio Nacional de História, João Pessoa, jul. 2003. 01 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. **A formação do Profissional de História para o século XXI.** Conferência apresentada no XI Encontro Estadual dos Professores de História (Associação Nacional de História- ANPUH/Núcleo Regional da Paraíba), Campina Grande, 14 jul. 2004.

SULIVAN, Erin. **Saturno em trânsito.** São Paulo: Siciliano, 1992.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História.** Brasília: UnB, 1995.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.